



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – INGLÊS**

Natália Silva Farias

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Arapiraca
2020

Natália Silva Farias

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Inglês da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz

Arapiraca
2020

*Aos meus amados pais, Maria e Josinaldo,
por tamanho inventivo e apoio.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter guiado meu caminho neste e em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais, Josinaldo e Maria, pelo incentivo aos estudos desde a infância, por terem me ensinado valores tão importantes na vida, pelo carinho e pelas orações. A vocês a minha eterna gratidão!

Aos meus irmãos João Paulo, Ana Carla, Jadson, Maria Vitória, Matheus e Marcony, pelo apoio, incentivo e por sempre torcerem por mim.

Àqueles irmãos que consideramos como de sangue: Simone, Edja, Gabriel, Beatriz e Liria, fontes de inspiração e capacidade para fazerem as coisas darem certo,

Ao Michel, companheiro de Vida, por todo seu amor e carinho e por sempre estar ao meu lado.

Ao meu Tio José Claudio, por acreditar em mim e nos meus sonhos.

Às minhas colegas de turma Iara e Maiara, que se tornaram verdadeiras amigas, pelo companheirismo, incentivo e pelos momentos de descontração.

Ao meu orientador Prof. Dr. Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz pela orientação neste trabalho e por acreditar que eu seria capaz de realizá-lo.

Gostaria também de agradecer a banca examinadora desta pesquisa, Ildney Cavalcanti e Pedro Rieger, pelas brilhantes considerações que guiaram a confecção final deste trabalho.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra me incentivaram para que este trabalho fosse realizado, muito obrigada!

*“Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz
doce.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema (...).”*

(Cora Coralina, 1997, p. 139)

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a Literatura de Cordel e ensino de línguas, com foco nas aulas de Língua Inglesa. A ideia surgiu durante meu período de estágio supervisionado, em que a professora regente trabalhou com os alunos de forma intercultural a tradução e apresentação de cordéis. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico que envolve exemplos de sequências didáticas (BUTT, 2006) para turmas de 9º ano do ensino fundamental. Os estudos teóricos foram embasados, principalmente em Helder Pinheiro (2008), Falci (2006), Queiroz (2006), Hall (2005), Lima (2009), Almeida Filho (1998), além de informações extraídas de documentos oficiais referentes ao ensino de língua Inglesa como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O trabalho responde as seguintes perguntas de pesquisa: 1) Quais são as possíveis contribuições de estudos culturais no aprendizado da língua inglesa; 2) Qual o papel da literatura de cordel na sala de aula? E 3) Qual seria uma proposta de aula de língua inglesa com a prática dos cordéis como elemento estruturante? As respostas nos levam a uma compreensão apurada de como a aula de Língua Inglesa é um momento favorável para que o professor possa colocar seus alunos em contato com outras línguas e culturas. Dessa forma, a pesquisa alcançou o objetivo geral deste trabalho que foi compreender como a Literatura de Cordel tem um papel intercultural dentro da sala de aula de língua inglesa, enfatizando também as representações da mulher presentes nos cordéis, valorizando assim, não só a cultura nordestina como também o papel da mulher na sociedade. Ao fazer um elo entre a teoria e o planejamento, este trabalho tem a intenção de colaborar para aulas mais significativas no ensino de Língua Inglesa no âmbito da interculturalidade, visando novas propostas de ensino que valorizem e incentive outros campos de leituras e interpretações, principalmente sociais.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Ensino-aprendizagem. Língua inglesa. Estudos culturais.

ABSTRACT

This paper has as its central topic Cordel Literature and language teaching, focusing on English Language classes. The idea came up during my period of supervised internship, where the conducting teacher worked with the students in an intercultural way, translating and presenting cordels. It is a qualitative research of bibliographic nature that involves examples of didactic sequences (BUTT, 2006) to be applied in the 9th grade classes of elementary school. The theoretical studies were based mainly on Helder Pinheiro (2008), Falci (2006), Queiroz (2006), Hall (2005), Lima (2009), Almeida Filho (1998), and a piece of information extracted from official documents as National Curricular Parameters (NCP) and the Common National Curricular Base (BNCC). The work includes the following questions: 1) What are the possible contributions of cultural studies to learning English? 2) What is the paper of Cordel Literature in the classroom? and 3) What would be a proposal for an English language class with the practice of cordels as a structuring element? The answers lead us to an accurate understanding of how the English language class is a favorable moment for the teacher to put his students in contact with other languages and cultures. Thus, in addition to reaching the specific objectives proposed, the research reached the general objective of this work, which was to understand how Cordel Literature has an intercultural role within the English language classroom, also emphasizing the representations of women present in the cordels, thus valuing not only the Northeastern Brazilian culture but also the role of women in society. By making a link between theory and planning, this work intends to collaborate for more meaningful classes in the teaching of English in the context of interculturality, aiming at new teaching proposals that value and encourage other fields of reading and interpretation, mainly social.

Keywords: Cordel literature. Teaching-learning. English language. Cultural studies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A LITERATURA DE CORDEL.....	12
	2.1 Breve história do Cordel.....	12
	2.2 O Cordel na sala de aula.....	14
	2.3 As Mulheres nos Cordéis.....	16
3	ABORDAGENS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	17
	3.1 A língua inglesa nas escolas públicas.....	17
	3.2 A interculturalidade no ensino de LI.....	21
4	O CORDEL E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	23
	4.1 O planejamento e produção de sequências didáticas.....	23
	4.2 Sequência Didática 1.....	27
	4.3 Sequência Didática 2.....	29
	4.4 Sequência Didática 3.....	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICE: Declaração de autoria	38

1 INTRODUÇÃO

Dentro de uma sociedade globalizada, saber uma segunda língua, como o inglês, tornou-se importante. Ao redor de todo o mundo, encontra-se pessoas que falam a língua inglesa, já presente no nosso cotidiano. Conviver com outra língua possibilita-nos viver novas culturas e interagir com novas realidades, reconhecendo não só a cultura do outro como também a própria.

Dentro desta perspectiva, inicio esse trabalho com o seguinte cordel de Edilson Biol:

Cordel com Estrangeirismo

O povo aqui no Brasil
 “Metido à besta” taficano
 Quem te vê e quem ti viu
 E eu numtô exagerando
 Mudô o jeito de fala
 Agora pra papeá
 Happy Hour é o linguajá
 E o inglês tá dominano.

Pra dizê sim é Ok.
 Faz tempo quita bombano
 Inté eu memo falei
 Idioma de americano
 A gente diz sem pensa
 Qu’isso pode atrapaiá
 Na hora di estuda
 E o inglês tá dominano.

Macarrão é spaghetti
 Reveillon é o fim de ano
 Apagá é só delete
 Jeans é pedaço de pano
 Short eu gosto de usá
 É mió pra relaxá
 Antes di eu me deitá
 E o inglês tadinano

Intémemo a internet
 Pra passa e-mail pros mano
 Num tem mais fita K7
 DVD num tá pegando
 Fashion as moças vai fica
 Se o shampoo certo usá e os cabelos num moiá
 E o inglês tadinano.

Tem um tar de cappuccino
 Qui o povo tá tomano
 Marketing seu minino

As empresa tá usano
 Designer pra anúnciá
 Nas TV pra aumenta
 As vendas e mais lucra
 E o inglês tá dominano.

Quando eu vi esse site
 Eu logo fui acessano
 Deixei de sair na night
 E já fui cadastrano
 Fiz uns post pra inicia
 Os amigo à comentá
 E os links anexá
 E inglês tadominano.¹

O cordel acima retrata como o inglês está presente no nosso dia a dia e a influência do mesmo na nossa vida. A literatura de cordel consiste numa poesia em verso de caráter popular, que dissemina as raízes e a cultura nordestina, ao mesmo tempo em que fala sobre diversos assuntos, indo da ficção à realidade. A literatura de cordel é um recurso de comunicação popular, uma vez que aborda fatos da realidade das pessoas e, principalmente, aspectos culturais de determinada região.

O Brasil é um país rico culturalmente, revelando-se em suas obras literárias uma variedade enorme de contextos. Dentre elas, a literatura de cordel foi o elemento escolhido para ser estudado ao longo desse trabalho, visando a um enriquecimento cultural nas aulas de língua inglesa. Acreditando nesse potencial multicultural que a literatura de cordel apresenta, principalmente por destacar traços fortes de minha região, o Nordeste, resolvi inserir os cordéis no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Os cordéis no âmbito educacional oferecem ao processo de ensino-aprendizagem ações mais dinâmicas, interativas e inovadoras, desempenhando importante papel na formação leitora, crítica e reflexiva dos alunos.

Como propósito de ir para além das gramáticas e romper barreiras, esta pesquisa tem como objetivo geral refletir acerca da Literatura de Cordel como prática intercultural no ensino de Língua Inglesa, ressaltando as representações da mulher presentes nos cordéis. E para alcançar esse objetivo geral estabeleci três objetivos específicos: (1) refletir acerca das contribuições dos estudos culturais no ensino de língua inglesa; (2) analisar o papel do cordel no contexto da sala de aula; (3) inserir práticas interculturais no cotidiano escolar, através da proposta pedagógica utilizando cordéis. E, para atingir esses objetivos, eu construí as seguintes perguntas de pesquisas:

¹Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3078928>

1) Quais são as possíveis contribuições de estudos culturais no aprendizado da língua inglesa? 2) Qual é o papel da Literatura de cordel na sala de aula? 3) Qual seria uma proposta de aula de língua inglesa com a prática dos cordéis como elemento estruturante?

Apresento a pesquisa da seguinte forma: a segunda seção visa a abordagem da origem e evolução do cordel no Brasil e sua importância na sala de aula, enfatizando também o papel da mulher nos cordéis. Na terceira seção, apresento as abordagens teóricas relacionadas ao ensino de Língua Inglesa (LI) e a interculturalidade como meio motivacional para um processo educacional no ensino de línguas. Já na quarta seção, apresento a metodologia, a forma de planejamento e exemplos de sequências didáticas; e, nas considerações finais, retomarei as perguntas de pesquisa, responderei, e avaliarei o alcance dos objetivos. Passo agora à próxima seção.

2 A LITERATURA DE CORDEL

Nesta seção, faço uma reflexão acerca da origem da literatura de cordel, que no Brasil é considerada uma poesia popular em verso, apresentando histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo. Analiso também o uso do cordel na sala de aula e a importância da mulher nos cordéis como uma ferramenta motivadora no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, expondo as possibilidades de acesso, funcionalidade e como os professores podem inseri-lo em suas práticas pedagógicas.

2.1 Breve História do Cordel

De acordo com a Academia Brasileira de Literatura de Cordel²(ABLC) o cordel tem suas raízes em Portugal chegando no balaio e no coração dos nossos colonizadores. Segundo Helder Pinheiro (2001, pág. 12), a virada do século XIX no Brasil foi marcada por mudanças que afetou, sobretudo, os trabalhadores que viviam no campo em condições de dependência. A crise que atravessava setores da sociedade tornou visível a situação de exclusão das camadas mais pobres da população.

Segundo o mesmo autor, os primeiros cordelistas e criadores dos folhetos saíram do campo em direção às cidades e levavam consigo lembranças e esperanças por dias melhores, que eram assim transcritos para os folhetos. Contos e histórias de príncipes e princesas, reinos distantes, homens violeiros e repentistas que viajavam pelas fazendas animando festas e desafiando outros cantadores, estavam presente nos enredos desses cordéis. Ser influenciada pelos ritmos afro-brasileiros, pela mistura entre rituais sagrados e profanos torna a cultura do cordel uma produção distinta das outras.

Fonseca dos Santos (1999) ao relatar sobre o primeiro cordel genuinamente brasileiro, fala que:

O primeiro folheto brasileiro, encontrado por Orígenes Lessa, é datado de 1865 e foi publicado no Recife. Escrito sobre o modelo de testamentos de animais, tão apreciados pela literatura de cordel portuguesa, ele contém alusões a acontecimentos da vida pernambucana que comprovam sua escritura brasileira. A partir de

²Site: <http://www.ablc.com.br/>

1893, a literatura de folhetos constitui, aos poucos, um conjunto complexo e independente do sistema literário institucionalizado com seus poetas e suas editoras que, até os anos 1960, pertencem frequentemente a poetas. Esta literatura tem suas próprias redes de comercialização (os mascates), sendo vendida nas feiras, nas estações ferroviárias e rodoviárias, e até nas ruas. (Fonseca dos Santos, 1999, p. 205).

Dessa forma, a expressão literatura de cordel foi inicialmente utilizada pelos estudiosos para designar os folhetos vendidos nas feiras, numa aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos a baixos preços, pendurados em barbantes. Segundo Marcia Abreu³ (apud Helder Pinheiro, 2001, pág. 13), a literatura de cordel portuguesa “(...) abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em verso ou sob a forma de peça teatral”.

No Brasil, durante muito tempo, poetas e editores escreviam folhetos e assim os chamavam, mas o uso do termo cordel se generalizou e hoje os próprios poetas se reconhecem como cordelistas. Segundo Helder Pinheiro (2001):

Hoje existem poetas populares por todo o país, vivendo em diferentes situações, compartilhando experiências distintas, mas no final do século XIX e no início do século XX, o cordel fazia parte da vida dos nordestinos que viviam no campo, dependendo da agricultura ou ainda nas cidades, com seus pequenos comércios. (PINHEIRO, 2001, p.11)

A poesia popular, que antes era restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade: moradores pobres de vilas e fazendas, escravos, pequenos comerciantes etc.; ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país. Assumindo um importante papel na cultura popular brasileira, na poesia, na cantoria, na leitura oral e no desenho, presente na xilogravura.

Como exalta Ignez Novais Ayala⁴, em sua fala presente no livro de Helder Pinheiro (2001), que:

Embora a literatura de folhetos se defina como um sistema de produção específico tem seus pontos de contato com a literatura oral, no caso, o repente. Há certa identidade, principalmente no que diz

³ABREU, Márcia. História de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

⁴AYALA, Maria Ignez Novais. No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Ática, 1988.

respeito ao tipo de estrofe mais usado no folheto e na cantoria, que é a sextilha, mantendo-se o mesmo tipo de rima, métrica e construção geral dos versos na estrofe. Na peleja, um dos gêneros do folheto, a relação com o oral é mais marcante, pois ela é escrita a partir de modalidades do repente. (PINHEIRO, 2001, p.19)

Os folhetos eram produzidos em tipografias de jornal e passaram a ser impressos em tipografias dos próprios poetas. Hoje, os folhetos são adquiridos em bancas, ou nas próprias editoras, e suas capas têm duas formas diferentes de ilustração: reproduções de desenhos ou fotos coloridas e xilogravuras de artistas populares.

2.2 O Cordel na Sala de Aula

Para Pinheiro (2008, p.16), se fizéssemos um levantamento sobre a presença da cultura popular e, mais especificamente, da literatura oral no currículo do ensino básico, descobriríamos que ela quase não é referida nas primeiras séries; e quando referida é na semana do folclore, ficando fora do contexto escolar durante o resto do ano letivo. As adivinhas, parlendas, cantigas, brincos e tantas outras manifestações que encantam as crianças têm um lugar e um tempo fixo, e são vistos quase sempre como coisas do passado.

O cordel é uma importante representação da cultura nordestina e um grande resgate cultural, que deve ser utilizado como um recurso de interação entre os alunos e a sociedade. A Literatura de Cordel enquanto socializadora de saberes possibilita ao professor muitos caminhos que levam ao conhecimento e a uma leitura prazerosa, dentre eles estão a criatividade, a musicalidade e a identificação com situações rotineiras. O cordel de uma maneira geral agrega temas tradicionais e também da atualidade. Isso faz com que os alunos se integrem mais a esse universo. Experiências de leituras de cordel despertaram nos alunos o desejo de vivenciar esse fazer literário.

Segundo Helder Pinheiro (2008, p.80): “Os métodos de ensino têm que considerar em seus determinantes não só a realidade vital da escola, mas também a realidade sociocultural em que está inserida.” Pensar elementos metodológicos para o trabalho com a literatura de cordel, pressupõe “superar a imagem falsa da metodologia do ensino que preconiza a unilateralidade do processo educativo e despreza a dialeticidade dos fatos educativos e sociais existentes na prática pedagógica”. Uma prática pedagógica que lança mão da literatura de cordel apenas como fonte de informação, que retoma esta produção cultural apenas como objeto de observação

parece-me inadequada para a sala de aula – sobretudo para o ensino fundamental. Ela não consegue oportunizar um encontro com a experiência cultural que está ali representada e, de certo modo, como que esvazia o objeto estético.

Assim, um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele está inserido e, ao mesmo tempo, uma experiência dialogal entre professores, alunos e demais participantes do processo.

O texto literário pode ser trabalhado na sala de aula de uma forma que convide o aluno a participar da atividade de um modo contextualizado com as experiências que teve e não de uma forma exclusivamente imposta. Possivelmente, a literatura de cordel pode também proporcionar esse diálogo entre texto e contexto social no qual o aluno está inserido.

Vale destacar que o trabalho com o cordel em sala de aula traz para o alunado e para professores uma valorização ainda maior da literatura que tem como marca o Nordeste. Os próprios alunos passam a valorizar e a se sensibilizar pelas narrativas poéticas produzidas por uma nação não só nordestina, mas também brasileira.

2.3. As Mulheres nos Cordéis

Dentro dos Estudos Culturais, o estudo do Feminino constitui uma inclinação na qual estão inclusas as relações de gênero, as experiências das mulheres como cidadãs durante toda a história, esposas, mães, profissionais, lutas por liberdades sexuais, conquistas de seus direitos. Além disso, é necessário o conhecimento dos mitos que fundaram modelos culturais responsáveis por paradigmas opressores e pela cristalização de certos preconceitos contra a mulher, aparentemente impossíveis de serem destruídos. Ricas ou pobres, cultas ou analfabetas, livres ou escravas, o que menos importa é a categoria social que cada uma delas traz consigo, pois, o feminino é capaz de extrapolar o obstáculo das classes, já que “a elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas” (FALCI, 2006, p. 241)

O Cordel, antiga tradição brasileira de origem europeia, como relatado nos capítulos anteriores, foi durante muito tempo algo eminentemente masculino. Embora alguns estudiosos da cultura popular brasileira tenham identificado as mulheres como o principal arquivo das tradições orais, nota-se a ausência de folhetos de autoria feminina, o que revelar-se os preconceitos existentes contra a mulher e a sua participação numa sociedade patriarcal.

Atualmente, mulheres, através da escrita de cordéis, denunciam uma realidade social e também anunciam perspectivas de vida. São professoras, psicólogas, advogadas, donas de casa, que, utilizando-se dessa forma de manifestação da nossa cultura, deixam fluir sua poeticidade e através dela demonstram seus sentimentos, aspirações e visões de mundo, consolidando uma identidade autoral e o espaço feminino na literatura de cordel.

Segundo Queiroz (2006, p.14), durante o início do século XX, em torno de uma sociedade sem jornais, rádios, TVs e com poucas escolas, o cordel cresceu e se alastrou por vários estados do Nordeste e a mulher era descrita sob várias formas: como princesa europeia, cuja nobreza e inocência trazem-lhe ao final justa recompensa e punição para seus perseguidores; mãe devotada que luta e protege seus filhos dos mais diversos perigos; lutas de mulher contra o diabo; metamorfose da mulher em animais como serpente, cabras, como castigo nas suas ações; prostitutas, etc.

A mulher foi treinada para desempenhar o papel de mãe, cozinhar, costurar e bordar, assim, fazia com que o alto índice de analfabetismo reinasse entre as elas, que se educadas não deveria ir além de escrever livros de receitas ou de orações. Com o passar dos tempos, as mulheres passaram a fazer parte desses espaços de expressão e ter visibilidade em um espaço privado, com afazeres considerados incompatíveis com o desenvolvimento da atividade intelectual, definida culturalmente como, pública, erudita e masculina.

Dessa forma, surgiram novas oportunidades de reflexão a respeito do homem, de sua produção, da sociedade e da cultura, criando-se um encorajamento para seguir a linha do feminino na literatura, ligada às mulheres e suas questões de identidade, de gênero, de sexualidade, dentre outras, encaminhando o olhar do ser humano da atualidade em direção ao plural, ao divergente, ao discordante. Encaminhamento esse que tem como temas a relação entre corpo e espírito, entre sociedade e cultura, entre afeto e emoção, os quais ampliam a compreensão do próprio ser humano e, conseqüentemente, do mundo.

3 ABORDAGENS SOBRE O ENSINO DE LINGUA INGLESA

Esta seção trata das abordagens teóricas relacionadas ao ensino de Língua Inglesa (LI) nas escolas públicas, como também o uso da interculturalidade nas aulas de inglês. Apresenta as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de LI e mostra que trabalhar com uma perspectiva intercultural rompe com a gramática e com a ideia de um ensino tradicional, possibilitando ao aluno um conhecimento que visa os interesses de todos.

3.1 A Língua Inglesa nas Escolas Públicas

Segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de 2017, quando pensamos em língua estrangeira, sempre lembramos do seu valor econômico e social na formação de todo e qualquer profissional. Entre as línguas estrangeiras, o inglês aparece como mais utilizado na facilitação do acesso de falantes de várias origens e de diferentes línguas e nacionalidades às manifestações culturais, políticas sociais e históricas, tornando-se, dessa maneira, uma espécie de moeda de troca agregadora de pessoas distanciadas física e culturalmente.

Sem uma língua comum e sem os meios de comunicação virtuais, o contato entre nós e os outros e vice-versa ficaria muito mais difícil e, às vezes, até impossível, daí a relevância do caráter social que essa língua possui no mundo contemporâneo. Ainda com base na BNCC (2017), no Brasil, o ensino de uma língua estrangeira em especial da língua inglesa se pauta historicamente na trilogia: língua, cultura e identidade, uma vez que esses aspectos são fundamentais nas práticas pedagógicas dos professores da língua básica brasileira.

Na era global, não existem mais fronteiras fixas, as culturas se misturam, as línguas, os costumes e, conseqüentemente, a identidade do indivíduo passa a ser influenciada com tudo isso. Diante das implicações desse tempo presente para o ensino de uma LE, temos implicações tanto de nível global quanto de nível local. No caso do inglês, por exemplo, é crescente a discussão de seu status de língua internacional de uso entre as diversas comunidades no mundo. Acredita-se, hoje, que o indivíduo que sabe inglês pode viajar para qualquer lugar do mundo e irá se comunicar e se fazer entender

perfeitamente bem; e essa “fama” de língua internacional deu origem ao que é chamado por muitos autores de Englishes, ou seja, o inglês de âmbito local, desenvolvido para suprir as necessidades de falantes de línguas e culturas diferentes.

Não existe um inglês padrão único, mas quando estamos em sala de aula ainda nos pegamos com alguns questionamentos do tipo: Qual inglês devo ensinar? Britânico ou americano? Qual é o mais bonito? Mais fácil de entender/aprender? Essas questões ainda envolvem professores e alunos, o que nos mostra o quanto é difícil transpor as barreiras do moderno para o pós-moderno:

quer-nos parecer que estamos todos atravessados pelas mensagens pós-modernas mas, ao mesmo tempo, imobilizados por elas. Diríamos que nos encontramos num estado de perplexidade frente às exigências da pós-modernidade que se “imiscuem” em nossas salas de aula e que ainda não sabemos como enfrentar. A pós-modernidade nos desafia (...) abalando as certezas construídas em nosso percurso educacional (AMARANTE, 1998, p. 13).

Os desafios da pós-modernidade para a prática educacional em LE são muitos e suas complexidades seguem de um modo crescente. Devemos entender melhor nosso aluno e não o classificar como bom ou ruim em uma das habilidades linguísticas e, sim, como um sujeito de identidade mutável, racional e autônomo, que através do progresso científico, alcançará o progresso humano. Desse modo, o processo de ensino/aprendizagem de uma LE deve ser visto como um espaço de produção e efetivação da cidadania global e local, além de auxiliar na construção da identidade do aprendiz para sua formação como cidadão do mundo.

Assim, a língua estrangeira tem um papel muito importante no ensino, pois é parte da cidadania do indivíduo, que envolve um processo de reflexão sobre a realidade social, econômica e cultural, com valor intrínseco importante no processo de capacitação que leva o indivíduo a uma autonomia.

Dessa forma, o ensino de uma língua estrangeira, no caso, a língua inglesa como um todo deve estar voltada para criar possibilidades ao educando de não apenas aprender a língua de forma sistemática, mas que dê a oportunidade ao aluno de se transportar e viajar para dentro de outros lugares, conhecendo novas pessoas e situações.

A LE, segundo Lima (2009), é um componente essencial para a educação básica dos brasileiros, por isso precisa ser vista como uma área de conhecimento tão importante quanto às outras. E o professor deve perceber o inglês como um espaço

privilegiado em relação aos contextos culturais, políticos e sociais na contemporaneidade.

De acordo com a PCNs de LE (1998):

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da (s) cultura (s) estrangeira (s). O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros lugares, diriam em determinadas situações, portanto, há compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da materna. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento (PCN, língua estrangeira, p. 37).

Nesse ponto, o ensino/aprendizagem de língua inglesa ou de qualquer outra língua estrangeira abre portas para o mundo, proporcionando acesso à informação, tornando-os indivíduos mais conscientes da diversidade que constitui o mundo. Conforme diz Chlopek (2008 apud Chuchene 2009, p. 201). "A aprendizagem de uma língua sempre necessita de um pouco de aprendizagem de cultura".

Como atesta Bennett (1997 apud LIMA 2008) que a língua, além de ser um instrumento de comunicação é também um sistema de percepção e representação do pensamento, o ensino de uma língua estrangeira deve ir além da tradução de palavras e aplicação de regras de uma língua para outra. Para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que seus aprendizes desenvolvam a competência comunicativa intercultural, a fim de que possam lidar com essa comunidade global e descobrir maneiras de ver o mundo ao seu redor, onde ensinar uma língua estrangeira é, antes de qualquer coisa, ensinar também sua realidade.

Entretanto, o ensino de uma Língua Estrangeira, no caso o Inglês, em uma escola pública ainda é algo muito questionado e debatido em várias pesquisas. De um lado a importância de seu ensino em uma sociedade globalizada, colocando todas as classes sociais em mesmo nível de aprendizagem cultural; por outro, ainda precisa ser repensado, visto que, como disciplina ainda é muito desvalorizada, ineficiente e precária, sem motivação alguma por partes dos alunos e até por partes dos próprios

professores, que algumas vezes não estão nem aptos a trabalhar com essa língua, e por falta de materiais acabam ficando presos aos métodos gramaticais.

É necessário que o ensino e a aprendizagem da língua inglesa nas escolas públicas atendam às exigências atuais, que os professores e as instituições de ensino entendam o contexto ao qual estamos vivendo e consigam conduzir o ensino do inglês de acordo com novos métodos, sendo capaz de acompanhar as mudanças, conhecendo-se e conhecendo o outro. É interessante que seja mostrado para o aluno a finalidade e o intuito de se aprender uma nova língua, pois como no disse Oliveira (2009, p.22): “se não houver uma função clara, um objetivo claro, para a aprendizagem, não se pode justificar a manutenção de uma língua estrangeira no currículo das escolas públicas”.

A falta de esclarecimento da verdadeira finalidade do ensino da língua Inglesa nas escolas, traz problemas que constituem barreira institucional e socialmente validadas contra quaisquer projetos pessoais ou coletivos de mudanças. Entre esses problemas, cabe destacar: timidez, medo de errar, o uso inadequado de material didático e eletrônico, metodologia inadequada, a aparente falta de praticidade da língua alvo, o grande número de alunos numa sala de aula, falta de interesse por parte do aluno e do professor.

Logo, os professores de língua inglesa primeiramente devem mostrar os objetivos e as finalidades, para que assim despertem os interesses dos alunos, por que é através do inglês que vemos o mundo de outra forma, tendo, assim, a oportunidade de refletir sobre a nossa própria cultura, o nosso ser, virtudes e ações, medindo, através de comparações, as nossas formas de agir, pensar e sentir, enriquecendo e muito a nossa formação, tornando significativos o ensino e a aprendizagem.

3.2 Interculturalidade no Ensino de LI

O Inglês como língua internacional facilita a comunicação no mundo globalizado, por isso se tornou ferramenta importantíssima tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional. Para Lima (2009), a necessidade de aprender a língua inglesa tem se justificado por razões que vão de *status* a real exigência de dialogar com um mundo sem fronteiras. O rápido processo de globalização tem exigido que as pessoas se qualifiquem e se preparem para acompanhar a evolução deste mundo, que vem se desenvolvendo a passos largos e que tem alcançado um patamar de sofisticação. A

aprendizagem de uma língua estrangeira, principalmente da língua inglesa, passa a ser uma exigência para que as pessoas possam lidar com essa rápida evolução e com esse crescente desenvolvimento. Segundo Almeida:

A aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código linguístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio, mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações e pessoas. (ALMEIDA, 1998).

Assim, nota-se que para um aprendiz adquirir realmente uma língua estrangeira é necessário que aprenda a desenvolver a competência comunicativa intercultural, passando a lidar com uma comunidade global e descobrindo novas maneiras de ver o mundo ao seu redor, pois ao ensinar uma língua estrangeira está ensinando-se também a sua realidade.

Para ORTIZ (2013), a interculturalidade vem de um conceito de que as culturas não encontram-se isoladas, dessa forma, a interculturalidade pode ser manifestada de três principais formas, a primeira mostra que o contato entre diferentes culturas não deve conter uma relação de dominação e de não reconhecimento da cultura alheia; a segunda diz que, ao entrar em contato com uma cultura, é necessário que haja um diálogo, uma negociação, respeito e reconhecimento das particularidades dessas culturas, o que pode vir a modificar alguns símbolos existentes nelas, devido à interação. E a última forma define o conceito de interculturalidade como uma relação entre duas ou mais culturas, porém com o reconhecimento de que o resultado de um diálogo não irá afetar as diferentes culturas.

Segundo a mesma autora, Cantoni (2005, p.11 apud ORTIZ, 2013) afirma que interculturalidade é transpor as barreiras da própria cultura e ver o “Outro” de forma equivalente, reconhecendo a sua cultura como diferente e não inferior ou superior à sua específica. Assim, o conceito de “interculturalidade” significa que os indivíduos negociem os sentidos até se chegar à compreensão mais profunda e verdadeira possível dos sentidos atribuídos à linguagem/língua dos interlocutores. Ser intercultural é repensar as nossas categorias culturais reconhecendo as múltiplas fontes da nossa identidade, praticar a sensibilização para a compreensão de códigos culturais e assim poder superar estereótipos no percurso do diálogo intercultural. Significa refletir, pensar a diferença, o “Outro”, não como diversidade, mas como um discurso relacional em que

o próprio sistema de sua representação está em questionamento. Desta análise e reflexão, poderão se relativizar dados (fossilizados e) estereotipados que possam impedir a comunicação.

Dessa forma os professores assumem um papel importante quando resolvem trabalhar com uma perspectiva intercultural, pois rompe com a gramática e com a ideia de um ensino tradicional, possibilitando ao aluno um conhecimento que visa os interesses de todos. A interculturalidade oferece ao alunado um contato com a disciplina em seu dia a dia, com a língua estrangeira a momentos extraclasse.

Porém, para a aquisição de uma postura intercultural em sala de aula é preciso realizar adequações na educação, principalmente uma adaptação nas estratégias de ensino na formação dos professores. Para Ortiz (2013), o professor deve trabalhar conteúdos que estabeleçam pontos de convergências e contrastes relacionados ao cotidiano do aluno, para que ele aprenda mais sobre fatos vivenciados por ele e que saiba posicionar-se perante a sociedade. É claro que se tratando de assuntos já conhecidos os estudantes irão se envolver no discurso que já estão familiarizados com o tema abordado na língua objeto, e possibilitará uma maior segurança por parte do aluno para começar a desenvolver os questionamentos na língua estrangeira e a utilização do seu conhecimento de mundo, utilizando de vários recursos que podem ajudar nesse processo.

4 O CORDEL E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

O Cordel nas aulas de Língua Inglesa proporciona um momento intercultural, interdisciplinar, capaz de cultivar uma postura crítica e investigadora em seus alunos, facilitando a compreensão dos conteúdos e os motivando a buscar cada vez mais. A utilização da Literatura de Cordel pode ser feita de várias maneiras, lembrando que se deve levar em conta o meio social e cultural do aluno a fim de que a seleção da leitura esteja em sintonia com o interesse do aluno-leitor. Cabendo ao professor a escolha correta das atividades através de um olhar de percepção do espaço cotidiano de seus alunos. Assim, essa seção trabalhará a importância do planejamento e da construção de sequências didáticas com práticas de ensino que nortearão uma futura aplicação desse projeto.

4.1 Planejamento e Produção das Sequências Didáticas

A chave para um bom ensino, para uma gestão de classe com propósito e o sucesso de um progresso educacional sustentado, está no planejamento eficaz. (BUTT, 2006 p. 15)

Para o autor Graham Butt (2006), a aprendizagem do aluno não acontece por acaso, é necessário, portanto de uma “boa aula”, que não resulte da entrada de um professor despreparado em sala de aula, sem qualquer procedimento que tenha sido claramente planejado anteriormente, por trás de toda boa aula há sempre um entendimento docente dos princípios de uma prática pedagógica sólida.

O planejamento eficaz de aulas demanda tempo e uma variedade de habilidades que todos os professores precisam dominar rapidamente, estejam eles passando por um período de estágio ou iniciando em alguma escola como professores recém-formados. (BUTT, 2006, p. 16)

Para o mesmo autor, a docência é uma atividade altamente pessoal, entretanto quando se fala de prática de bons professores na sala de aula, há similaridades entre suas abordagens de planejamento de preparar aulas eficazes. Assim, a primeira questão que se deve refletir ao começar a planejar aulas é as capacidades dos alunos que você irá ensinar; aquilo que você acha que os alunos devem aprender e as maneiras pelas quais os alunos, ao seu ver, aprenderão melhor. Sendo necessário também,

observar cada grupo de alunos antes de ensiná-los, a fim de planejar aulas com mais sucesso.

Butt (2006), expressa também que os fundamentos que estão na base do bom planejamento se relaciona a uma compreensão e um conhecimento mais profundo do modo como as turmas e indivíduos aprendem, dos conhecimentos disciplinares adequados à faixa etária e às habilidades dos alunos e da importância que tem a avaliação para a aprendizagem.

Portanto, é revelante destacar que as sequências de ensino e as aulas planejadas levem em consideração a aprendizagem que ocorreu antes e a que, em princípio, irá ocorrer, ficando atentos a continuidade das atividades, que podem ser produzidas numa variedade de formatos, proporcionando diferentes tipos de informações que serve como um guia geral para o planejamento e desenvolvimento das aulas.

Segundo Dolz&Schneuwly (1998), a expressão “sequência didática para o ensino de gênero” surgiu em Genebra, e apareceu nos documentos oficiais dos PCNs brasileiro em 1998, mas apesar dessa expressão passar a ideia de que estamos ensinando um gênero específico e único, na verdade, se resume ao ensino de um determinado gênero para uma classe de alunos, através de um conjunto de atividades planejadas. Essas atividades são ligadas entre si e planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa, sendo organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para aprendizagem de seus alunos e envolvendo sempre atividades de aprendizagem e avaliação.

As Sequências didáticas (SD) permitem ao professor desenvolver um trabalho integrador entre conteúdos e objetivos, sugeridos por orientações oficiais, com conteúdo do contexto específico, contemplando atividades e suportes variados. Permite, ainda, a progressão a partir de trabalho individual e coletivo, possibilitando a integração de diferentes ações de linguagem e de conhecimento, além de se adaptar nas diferentes situações de comunicação. Segundo Cristovão (2009), para garantir um trabalho de colaboração entre professor e alunos, a SD deve contemplar: a) uma esfera de atividade em que o gênero circule; b) a definição de uma situação de comunicação na qual a produção se insere; c) conteúdos apropriados; d) a disponibilização de textos sociais (de circulação real) como referência para os alunos; e) uma organização geral de ensino que vá ao encontro das transformações desejadas; f) atividades que contribuam para que os

objetivos sejam alcançados; g) propostas de percursos e situações que levem o aluno a atingir os objetivos desejados.

Ao pensar em desenvolver uma Sequência Didática, o professor já deve ter em mente uma ordem lógica para colocá-la em prática. Para que essa organização atinja algum resultado, é importante levar em conta os conhecimentos prévios da turma, para passar de uma atividade para outra e, assim, conquistar uma evolução em sua continuidade. É importante, para o professor, organizar cada etapa sobre a prática da SD planejada; pensar em como essa sequência se encaixa na grade horária da escola; organizar o tempo de realização de cada atividade; se será possível realizar todas as atividades previstas e como a sequência didática se relaciona com as demais ações que estão sendo realizadas. Quanto mais experiência, mais fácil será fazer esse planejamento. Primeiramente, defina o que você quer ensinar e o que quer que a turma aprenda, depois busque estratégias para chegar a esses resultados. A partir da análise dos conteúdos propostos, lembre seus objetivos e os transforme em ações concretas, o melhor é criar situações didáticas variadas, em que seja possível retomar os conteúdos abordados em diversas oportunidades. A Coordenadora do Instituto Avisa Lá, Beatriz Gouveia, orienta que:

Um bom planejamento é aquele que dialoga com o projeto político-pedagógico (PPP) da escola e está atrelado a uma proposta curricular em que há desafios, de forma que exista uma progressão dos alunos de um estado de menor para um de maior conhecimento (NOVA ESCOLA, 2014).

As sequências devem fazer parte de um planejamento maior, onde deve ser colocado o que se espera do aluno durante o ano letivo. Os temas propostos não podem ser escolhidos de forma aleatória. Se, por exemplo, o professor decide trabalhar um assunto gramatical através da música, é interessante que ele busque uma letra que possua um vocabulário novo, uma mensagem interessante que possa ser discutida em sala para que os alunos possam aprender de forma integrada. "É preciso organizar as ações de modo que exista uma continuidade de desafios e uma diversidade de atividades", explica Beatriz. No entanto, o educador deve sempre se manter focado no objetivo principal da sua SD, lembrando que o conteúdo é o que você vai ensinar e objetivo é o que espera que os alunos aprendam. A sequência deve ser colocada de forma realista e sistemática, englobando uma ampla gama de conteúdo, assumindo que

mesmo as atividades breves e esporádicas podem gerar uma aprendizagem significativa (NEMIROVSKY, 2002).

Elas podem ser realizadas de forma coletiva ou individual, cada uma funciona melhor para uma intenção específica. Ao propor uma atividade coletiva, em grupo, os alunos desenvolvem e aprendem comportamentos que serão úteis quando forem trabalhar sozinhos. Já as atividades individuais permitem que o aluno prove os conhecimentos que construiu.

As sequências são atividades planejadas, baseadas em uma hipótese de trabalho. É normal que algumas etapas precisem ser ajustadas durante a prática, ou que os resultados sejam diferentes do esperado. Como defende Nemirovsky (2002), toda proposta didática implica riscos, e um deles refere-se a rigidez ou ortodoxia com que se trata as SDs. De fato, a flexibilidade é uma característica fundamental, que deve existir em qualquer trabalho didático. O planejamento pode dar condições para o professor de chegar preparado em sala, mas não garante o resultado final. Pode ser que seja necessário revisar um assunto do ano anterior, adiar ou adiantar alguma etapa da SD. O importante é que o educador se mantenha focado nos seus objetivos iniciais, como também dê continuidade ao processo de ensino do conteúdo, como afirma Graham Butt (2006):

É de conhecimento geral que as sequências de ensino – e os currículos ou especificações a partir dos quais elas são produzidas – precisam ser atualizadas regularmente de modo a garantir a continuidade de sua relevância e aplicabilidade. (BUTT, 2006, p. 37)

Assim, de acordo com a aplicabilidade dessa teoria na prática envolvendo o tema e a metodologia da pesquisa, elaborei três sequências didáticas com base no “Exemplo de Formatos de Planos de Aula (b)” do autor Graham Butt, que se encontra em seu livro: O planejamento de aulas bem sucedidas (2006, pág. 37), ao qual foi escolhido por contemplar todos os tópicos necessário para a produção de uma boa aula, visando os objetivos, os objetivos da aprendizagem, a unidade didática, recursos, métodos/procedimentos (duração), as atividades do professor e dos alunos, a tarefa de casa e a avaliação. Dessa forma, as sequências elaboradas, que segue abaixo, favorece o ensino de língua de inglesa através de práticas intercultural envolvendo o uso do cordel, no projeto: Girl Power nos cordéis: My culture around the world, para ser aplicado nas series finais do ensino fundamental – 9º ano, pelo motivo dos alunos já terem mais

conhecimento e censo crítico sobre o assunto, promovendo e valorizando as misturas das culturas e das línguas, como também a importância da mulher na sociedade.

4.2 Sequência Didática 1

EXEMPLOS DE PLANOS DE AULAS (B) segundo Graham Butt, 2006	
Dia/Período: à escolha do professor	Série: 9º ano
Objetivo da aula:	
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a riqueza da Literatura de Cordel e sua história; • Identificar a forma de escrita do texto de cordel; • Conhecer e pesquisar sobre os cordelistas brasileiros; • Promover uma aula interdisciplinar com o uso do gênero cordel nas aulas de Língua Inglesa; • Criar um diferencial para as aulas de língua inglesa, para além das gramáticas e dos conteúdos, buscando uma valorização para a língua através de práticas interculturais. 	
Objetivos de aprendizagem para os alunos:	
<ul style="list-style-type: none"> • Promover a contextualização sociocultural com o estudo do Cordel; • Contribuir para o resgate da literatura de cordel na perspectiva de promover sua leitura e criação; • Estimular um olhar crítico sobre a realidade local e a cultura popular. 	
Unidade didática: Projeto: Girl Power nos cordéis. My culture around the word!	
Recursos: folhetos de cordéis; data show; pincel; quadro.	
Métodos/Procedimentos/(duração):	
<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 3 aulas; • Decorar a sala com um varal com vários folhetos de cordéis e imagens de cordelistas brasileiros; • Acolher os alunos e iniciar a aula perguntando a eles: Que livretos são estes pendurados nos varais? Vocês conhecem? O que eles falam? A qual cultura nos remete o Cordel? O que é ser nordestino? Quais as principais características que identifica esse povo? • Tomar nota das respostas e interação dos alunos, e juntamente com a participação de 	

<p>um (a) Professor (a) de Língua Portuguesa/Literatura responder as perguntas abaixo através de uma aula explicativa e expositiva, utilizando imagens para uma melhor compreensão por parte dos alunos.</p> <p>O que é Literatura de cordel? Qual a origem da Literatura de cordel? Quais são as características da Literatura de cordel? E como se constrói um cordel? Quais são os principais cordelistas brasileiros?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discutir e debater sobre os principais cordelistas brasileiros, dando enfoque nos cordelistas de sua região (se tem algum cordelista em sua cidade, e se conhecem?); 	
<p>Atividades do Professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promover uma aula dinâmica, que proporcione uma total compreensão do conteúdo e interação dos alunos. 	<p>Atividades dos Alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Buscar entender e assimilar todo o conteúdo apresentado, participando ativamente.
<p>Tarefa de casa:</p> <p>Fazer leituras de cordéis, analisar os cordelistas e trazer para a próxima aula o cordel que mais lhe chamou atenção.</p>	
<p>Avaliação</p> <p>A avaliação se dará por meio da interação e participação dos alunos durante o momento de ensino-aprendizagem.</p>	

4.3 Sequência Didática 2

EXEMPLOS DE PLANOS DE AULAS (B) segundo Graham Butt, 2006	
Dia/Período: à escolha do professor	Série: 9º ano
Objetivo da aula:	
<ul style="list-style-type: none"> • Buscar a participação dos alunos nas leituras e criações dos cordéis; • Debater sobre o papel da mulher no século XXI; • Conhecer possíveis representações das mulheres nos cordéis. 	
Objetivos de aprendizagem para os alunos:	
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o uso da Literatura de Cordel como prática intercultural no ensino de Língua Inglesa, exaltando as representações da mulher presente nos cordéis, valorizando assim, não só a cultura nordestina como também o papel da mulher na sociedade. 	
Unidade didática: Projeto: Girl Power nos cordéis. My culture around the word!	
Recursos: folhetos de cordéis; data show; pincel; quadro.	
Métodos/Procedimentos/(duração):	
<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 2 aulas; • Relembrar o que foi estudado na aula anterior, apresentação dos cordéis escolhidos, e debates sobre os mesmos; • Dividir a sala em grupos, sendo entregue para cada grupo um Cordel para leitura, análise e discussão. Os cordéis entregues terão todos de um personagem feminino, para que conheçam e analisem as possíveis representações da mulher nesses cordéis. Os cordéis utilizados serão “A mulher e sua trilha” de Maria Rosário Pinto, 2012; “A Morte de Alonso e a vingança de Marina” e “O sofrimento de Alzira” de Leandro Gomes de Barros; e “O Pavão Misterioso” de José Camelo de Melo Rezende; • Após a leitura é hora de socializar as impressões que tiveram sobre a história. Cada grupo vai dizer o que achou da história lida. É importante fazê-los refletir que nem sempre o cordel retrata um tema atual, às vezes vem em forma de romances, porém, mesmo nessa forma ele sempre traz reflexões pertinentes sobre a realidade observada ou vivenciada pelos autores. • Norteadando esse debate, utilize das perguntas: O que observo de interessante nessa história? 	

O que ela tem de diferente das outras?

Existe a identificação de alguma personagem no cordel? Se sim, quem são? E quantos são?

Qual a realidade dos personagens?

Qual a importância e o papel de cada mulher em cada história?

Quem são elas? E qual o seu papel e sua importância dentro da narrativa cordelista?

Quais são os estereótipos femininos? Como são vistas as mulheres brasileiras, nordestinas? E as estrangeiras?

Qual relação pode fazer entre a história lida e a nossa própria realidade?

Em relação às xilogravuras, busquem elementos nas gravuras que justifiquem a escolha do título pelo autor?

Vocês gostaram do título? (Por quê?)

O que essa imagem representa?

Que relação essa xilogravura tem com a minha realidade?

O que me faz pensar, refletir ao olhar essas imagens?

Atividades do Professor:

- O professor deve circular na sala provocando reflexões e gerindo a atenção dos estudantes ao foco do tema.

Atividades dos Alunos:

- Ler, refletir e debater sobre os cordéis, expondo e interagindo em debates sobre os temas abordados.

Tarefa de casa:

Fazer leituras de cordéis, analisar os cordelistas e trazer para a próxima aula o cordel que mais lhe chamou atenção.

Avaliação

A avaliação se dará por meio da interação e participação dos alunos durante o momento de ensino-aprendizagem.

4.4 Sequência Didática 3

EXEMPLOS DE PLANOS DE AULAS (B) segundo Graham Butt, 2006	
Dia/Período: à escolha do professor	Série: 9º ano
Objetivo da aula:	
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer, por meio da leitura e da escuta, as características textuais da literatura de cordel; • Desenvolver a produção de textos que se enquadrem nas características da literatura de cordel; • Produzir cordéis. 	
Objetivos de aprendizagem para os alunos:	
<ul style="list-style-type: none"> • Aprender como se constrói um cordel; • Aprender técnicas para se fazer uma xilogravura; • Utilizar de técnicas de tradução para a produção de cordéis bilíngues; • Estimular o uso de dicionários e meios tecnológicos para a produção de cordéis. 	
Unidade didática: Projeto: Girl Power nos cordéis. My culture around the word!	
Recursos: folhetos de cordéis; papel; computadores; dicionários.	
Métodos/Procedimentos/ (duração):	
<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 4 a 5 aulas; • Após análise e debate dos cordéis, cada grupo produzirá um cordel ressaltando o papel da mulher na sociedade; • Produzidos, os alunos deverão utilizar de dicionários para a tradução dos cordéis, pesquisando e enfatizando as expressões idiomáticas; • Utilizar de computadores para o processo de digitação e criação dos cordéis; • Cada grupo deverá escolher e desenhar sua própria xilogravura, que deverá ser capa de seu cordel; • Por fim, toda a sala construirá um painel com um varal e uma banca para expor em culminância com a escola suas produções, com vendas dos cordéis bilíngues. E exposição oral dos cordéis tanto em Português como em Inglês (poderá utilizar de peças teatrais e cânticos para a exposição desses cordéis). 	

<p>Atividades do Professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O professor tem o papel de organizar a sala de aula de forma que proporcione ao alunado, juntamente com a escola todo apoio necessário para a construção dos cordéis. 	<p>Atividades dos Alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produzir seus próprios cordéis, se tornando autônomo e criador do seu próprio conhecimento.
<p>Tarefa de casa:</p> <p>Buscar sempre está lendo cordéis e leituras que o façam ter um olhar mais crítico para as causas sociais.</p>	
<p>Avaliação</p> <p>A avaliação será feita através da produção dos cordéis, como também por meio dos resultados alcançados por meio da motivação, interação e aquisição do conhecimento exposto usando os cordéis.</p>	

As sequências didáticas apresentadas foram elaboradas visando a contemplação de todo o contexto intercultural explorando e incentivando o aluno a buscar e debater mais sobre o conteúdo, revelando sua importância. Destaco que os exemplos podem ser alterados de acordo com a realidade de cada turma. Dito isto, é imprescindível ressaltar o papel da escola como instituição social responsável pela disseminação dos saberes e o papel do professor como mediador desse conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento, gostaria de fazer algumas colocações que foram discutidas ao longo deste trabalho e que se fazem necessárias aqui. Trabalhar o ensino de inglês por meio da interculturalidade é não só necessário, como desafiador, por isso, nesta pesquisa, me propus a não só discutir tais teorias como também elaborar planos de aulas que futuramente pode ser aplicado por qualquer docente de LI. Passo agora a responder as perguntas de pesquisa que me fiz na introdução a este trabalho, fazendo a correspondência entre as respostas e os respectivos objetivos específicos, para então, chegar ao objetivo geral.

A primeira pergunta de pesquisa inquiriu refletir quais as possíveis contribuições de estudos culturais no aprendizado da língua inglesa. Conforme apresentei ao longo da pesquisa a aula de língua inglesa é um momento favorável para que o professor possa colocar seus alunos em contato com outras línguas e culturas, podendo, assim, ensinar além do que é proposto em alguns livros didáticos, ou seja, gramática e vocabulário. Durante as aulas, deve ser criado um espaço em que se possam desenvolver atividades significativas, explorando diferentes fontes e recursos, a fim de que o aluno relacione o que é estudado com o que o cerca. Por isso, a necessidade de se repensar as práticas pedagógicas voltadas ao ensino, em especial ao ensino de línguas. Desse modo, atingi meu primeiro objetivo específico, que foi o de refletir acerca das contribuições de estudos culturais no ensino de língua inglesa. Passo agora à segunda pergunta de pesquisa.

Esta buscou analisar qual o papel da literatura de cordel na sala de aula. Com base nos teóricos estudados podemos perceber o quanto o cordel tem um papel social, que possibilita ao professor muitos caminhos que levam ao conhecimento e a uma leitura diferenciada sobre as diversas culturas, temas tradicionais e também da atualidade. Assim, considero que esta pergunta de pesquisa também foi respondida e o segundo objetivo, analisar o papel do cordel no contexto da sala de aula, alcançado após análises e discussões sobre o tema proposto ao longo do trabalho. Passo agora à terceira pergunta de pesquisa

A última pergunta, analisou o planejar das aulas com a prática dos cordéis. Desse modo, acredito que a resposta para essa pergunta também foi respondida, visto que, através de toda a discussão apresentada durante a pesquisa e a elaboração dos

planos de aulas promoveu-se a inserção dessas novas práticas interculturais e cordelista no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Logo, o terceiro objetivo específico: inserir práticas interculturais no cotidiano escolar propondo aulas utilizando cordéis, também foi alcançado.

Com tudo isso, podemos perceber o quanto é importante envolver a interculturalidade no ensino de línguas através do cordel, possibilitando uma ruptura de estereótipos culturais, buscando a formação de cidadãos críticos e reflexivos, assim como um ensino-aprendizagem de língua pautado na integração cultural. Tal sugestão produz um efeito positivo, montando estratégias interessantes e criativas para repassar a riqueza do cordel, com a memória simbólica de um povo e a introdução de uma cultura nova que é a língua inglesa

Por fim, atingindo todos os objetivos específicos, acredito ter alcançado o objetivo geral deste trabalho que foi compreender como a literatura de cordel tem um papel intercultural dentro da sala de aula, com foco nas aulas de língua inglesa (LI), enfatizando as representações da mulher presentes nos cordéis, valorizando assim, não só a cultura nordestina como também o papel da mulher na sociedade. Pois, deste modo, ao fazer um elo entre a teoria e o planejamento, este trabalho teve a intenção de colaborar para aulas mais significativas no ensino de língua inglesa no âmbito da interculturalidade, visando novas propostas de ensino que valorizem e incentivem outros campos de leituras e interpretações, principalmente sociais.

Em suma, pode-se dizer que este trabalho foi de grande importância para mim, como parte de um grande aprendizado e um grande momento de reflexão sobre novas práticas pedagógicas. Por fim, espero que este trabalho possa contribuir para uma reflexão em relação ao ensino e aprendizagem de língua inglesa neste contexto pesquisado e em outros semelhantes. Espero que sirva de alguma forma como incentivo para outros professores na busca de novos conhecimentos e novas práticas que visem dinamizar e motivar o ensino de língua inglesa, de forma a torná-lo mais atraente para os alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. 2ª.Ed. Campinas: Pontes. p.75, 1998.

AMARANTE, Maria de Fátima Silva. **Ideologia neoliberal no discurso da avaliação: a excelência e o avesso da excelência**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins. Fontes, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 22 de dezembro de 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHUCHENE. Karina Mansur. **A INTERCULTURALIDADE NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA**. Curitiba. 2009.

COSTA, P. N. **Fundação Nordestina do Cordel**. FUNCOR. 2010. Disponível em: <http://funcorpiaui.blogspot.com.br/2010/04/projeto-cordel-nas-escolas.html> > Acessado em 22 de Junho de 2019.

CORA CORALINA. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**”. 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Sequências Didáticas para o ensino de línguas**. In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). **O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas**. 1a.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p.305-344.

FALCI, MiridanKnox. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, Santos IdeletteMuzart dos. **O conde de Monte Cristo nos folhetos de cordel: leitura e reescrituras de Alexandre Dumas por poetas populares.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n39/v14a39a14.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2019. 16

GONÇALVES, Júlia Eugênia. **A Pós-Modernidade e os Desafios da Educação na Atualidade.** Disponível em:<<http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=116>> Acesso em: 25 ago. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. 102 p.

LIMA, Diógenes Cândido de. (Org.) **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

_____. **Vozes da (Re)Conquista: o papel da cultura no ensino de língua inglesa.** Polifonia, Cuiabá: Editora Universitária, ano 10. 2008. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1036/812>> Acesso em: 07 de Out. de 2019.

MASTRELLA, Mariana Rosa **Pós-modernidade e ensino de línguas estrangeiras: tendências e desafios.** *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 9, n.1, p. 102-117, 2010.

MEIRELLES, Elisa. **Como organizar sequências didáticas.** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/como-organizar-sequencias-didaticas-planejamento-779478.shtml>> Acesso em: 16 outubro. 2019.

MOTA. Kátia. SHEYERL. Denise. **RECORTES INTERCULTURAIS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.** Salvador. Ed. EDUFBA. 2014. 337 p.

NEMIROVSKY, Myriam. **O ensino da linguagem escrita.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

ORTIZ ALVAREZ Maria Luisa. **(RE) CONHECIMENTO DA PRÁTICA INTERCULTURAL NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE LE.** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/18428>> Acesso em: 14 de Junho de 2019.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. Mestrado Literatura Brasileira, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS. GlédcciaDanila Olindo dos. MENEZES. Karoline Queiroz Correia. **A interculturalidade como meio para o ensino e a aprendizagem de espanhol em escolas públicas estaduais de Aracaju**. Disponível em <[file:///C:/Users/Lali/Downloads/4820-21519-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lali/Downloads/4820-21519-2-PB%20(1).pdf)> Acesso em: 05 de julho de 2019.

SILVA, Ana Valéria Ubaldo da. **A motivação da leitura e da escrita através da literatura de cordel**. 2016. Disponível em <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/index/search/author/view?firstName=Ana&middleName=Val%C3%A9ria%20Ubaldo&lastName=Silva&affiliation=UFRPE-%20UAG&country=BR>> Acesso em: 10 de Junho de 2019.

SILVA, Elba Ramalho da. **Cordel: uma experiência em sala de aula**. Elba Ramalho da Silva. – Catolé do Rocha, PB, 2013. 74 f.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.



Declaração de Autoria

Eu, Natália Silva Farias, CPF nº 117.650.534-39, regularmente matriculado no curso de Letras Inglês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, número de matrícula 14110784, declaro que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA é de minha autoria, de modo que não incorri em plágio ou apropriação de ideias de terceiros para sua elaboração.

Maceió, 06 de março de 2020.

Natália Silva Farias
Assinatura do/a estudante